

Tipo de Relato: Relato de Pesquisa.

Eixo Transversal: Epidemiologia e Determinantes Sociais do Processo da Saúde e Doença.

Financiamento: CNPq - bolsa de iniciação científica

Título: ESTUDANTES BRASILEIROS DA ÁREA DA SAÚDE NÃO ESTÃO IMUNIZADOS COMO DEVERIAM.

Palavras-Chaves: Estudantes de Ciências da Saúde; Cobertura Vacinal; Esquemas de Imunização.

Autores: Samuel Stoliar de Vilhena Machado¹; Ana Lorena Lima Ferreira³; Claudia Lamarca Vitral²; Gina Peres Lima dos Santos²; Pedro Barbosa Gomes¹; Sandra Costa Fonseca³.

¹Universidade Federal Fluminense, RJ/Brasil. Acadêmico de Medicina.; ²Universidade Federal Fluminense, RJ/Brasil. Professora do Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Instituto Biomédico.; ³Universidade Federal Fluminense, RJ/Brasil. Professora do Departamento de Epidemiologia e Bioestatística, Instituto de Saúde Coletiva.

Resumo:

Introdução: A imunização se mantém como uma das estratégias de controle de doenças infecciosas mais bem sucedidas, salvando até cinco milhões de vidas anualmente pelo mundo. Os profissionais e estudantes de cursos da área da saúde estão sob risco aumentado de exposição e transmissão de doenças imunopreveníveis. Além disso, pode-se dizer que estamos vivendo uma epidemia de *fake news*, que tem afetado, desde antes da pandemia da COVID-19, mas principalmente neste período, a área da saúde. Os estudantes e profissionais da saúde não estão imunes à desinformação e devem ter acesso à formação oferecida pela completude do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão para enfrentar o discurso antivacina.

Objetivos: Avaliar a situação vacinal e o conhecimento sobre vacinas entre estudantes da área da saúde. **Métodos:** Foi realizado um estudo transversal de 2018 a 2022, incluindo estudantes das áreas da saúde de uma universidade pública federal. Os participantes, matriculados nos dois primeiros anos da graduação, responderam a um questionário autoaplicado e tiveram seus cartões de vacina avaliados durante atividades realizadas em sala de aula ou via remota (período pandêmico) na disciplina de Virologia, que é obrigatória aos cursos envolvidos. No formulário constavam três seções. Na primeira solicitavam-se informações pessoais como curso de graduação, gênero e idade; a segunda seção abordou conhecimentos básicos sobre vacinação e doenças relacionadas à imunização através de perguntas de múltipla escolha; e a terceira seção, preenchida sob supervisão, continha perguntas sobre o status vacinal dos participantes. Os registros vacinais foram checados para

as vacinas do adulto (dT, tríplice viral, hepatite B e febre amarela) e para aquelas indicadas para profissionais da saúde (influenza, hepatite A, varicela e meningocócica). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da respectiva instituição de ensino superior (protocolo CAAE 01372118.0000.5243). **Resultados:** No período estudado, 898 estudantes participaram das atividades propostas, respondendo ao questionário. Identificou-se que apenas 24,5% tiveram a carteira de vacinação solicitada previamente e 64,5% já tinham sido orientados sobre a necessidade de vacinação. Poucos estudantes (<10,0%) relataram histórico de doenças imunopreveníveis, exceto varicela (59,0%). As vacinas recomendadas para os profissionais de saúde eram conhecidas por apenas 29,6%, sem diferenças entre os cursos. Apenas 2,3% completaram o esquema vacinal recomendado para os profissionais da saúde; 96% tinham a falsa percepção de estar com a carteira vacinal em dia. Considerando apenas as vacinas do adulto, distribuídas gratuitamente pelo SUS, a completude aumentou para 46,2%. O conhecimento do esquema vacinal aumentou a adesão à vacina contra gripe ($p < 0,001$). Os alunos que tiveram a carteira de vacinação solicitada apresentaram maior completude para as vacinas gratuitas. Todas as vacinas tiveram uma taxa de cobertura abaixo da meta de 95%. **Considerações finais:** Os estudantes da área da saúde, em sua maioria, não estavam imunizados como deveriam e apresentaram uma fraca percepção dos esquemas vacinais. As vacinas com menor cobertura vacinal entre as do adulto e as dos profissionais de saúde foram, respectivamente, a de Influenza (40.1%) e a Meningocócica (20.7%). A vacina que mais se aproximou da cobertura preconizada pelo PNI foi a de Febre Amarela (90.4%). A baixa cobertura vacinal é preocupante, considerando o risco de infecção que apresentam e os seus papéis como futuros profissionais da saúde. Os cartões vacinais devem ser solicitados e conferidos no momento da entrada na universidade e, paralelamente, os programas de ensino de vacinologia devem ser promovidos e reforçados.